

UM OLHAR REFLEXIVO ACERCA DAS TROCAS DE EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS OCORRIDOS DENTRO DO PROGRAMA DE TUTORIAS ENTRE PARES DO NAI

THAÍS CARDOSO LEMOS¹; MIRIAN PEREIRA BOHRER²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Thalemos0206@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – nai.ufpel.aee@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre as tutorias realizadas com dois graduandos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), os quais utilizam dos serviços do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) desta Instituição, por direito garantido através do Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei 13.146/2015, ancorada na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva (2008), entre outros dispositivos como a Portaria MEC n. 1.679/99, a qual “dispõe sobre os requisitos de acessibilidade a pessoas portadoras de deficiência para instruir processos de autorização e de reconhecimento de cursos e de credenciamento de instituições” de acordo com ROCHA; MIRANDA (2009). O trabalho tem como principal foco relatar as trocas de experiências, saberes e conhecimentos que ocorreram nas tutorias com esses alunos assistidos, as quais foram realizadas durante o período de 2019/1 e que foram ministradas por mim, graduanda do curso de Música - Licenciatura e bolsista do NAI desde o mês de maio de 2019.

Para debater a respeito do termo tutoria e do papel que ela possui trarei as palavras de Frison (2013) que coloca:

O trabalho feito pela tutoria pode adquirir significado quando os alunos, ao vivenciarem diferentes situações, desenvolvem reflexões teóricas, abstraindo melhor os conhecimentos gerais e específicos. De onde infere-se que a tutoria permite a integração ativa, preparando o estudante tutor para desempenhar as funções que lhe foram confiadas.

Através de análises feitas por Rocha; Miranda e Moreira (2009); Bolsanello (2011), apontarei discussões voltadas para as questões de acessibilidade, inclusão e permanência dentro ambiente universitário.

2. METODOLOGIA

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) é uma das partes que compõem a Coordenação de Inclusão e Diversidade (CID) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Possui como objetivo garantir a inclusão e a permanência de pessoas com deficiência, com Transtorno do Espectro Autista, com altas habilidades/superdotação, visando ser um potencializador de emancipação, pertencimento e autonomia. Atualmente o NAI, em sua estrutura, conta com uma chefia administrativa, uma coordenação pedagógica e duas seções: Seção de Tradutores Intérpretes de Libras (TILS) e Seção de Atendimento Educacional Especializado (SAEE). A primeira possui como objetivo proporcionar acessibilidade linguística e comunicativa às pessoas surdas da UFPel, em eventos acadêmicos, nas salas de aulas e em demais atividades relacionadas à universidade. A segunda tem como função atender as necessidades educativas específicas dos graduandos e pós-graduandos sobre responsabilidade do Núcleo, orientando os/as professores/as e coordenadores/as dos cursos sobre como colaborar no desenvolvimento acadêmico destes/as alunos/as, como também

elabora e organiza recursos didáticos adaptados. Nesta parceria de trabalho, a Coordenação Pedagógica disponibiliza tutores/as devidamente preparados para realizar o acompanhamento pedagógico destes/as universitários/as, o que chamamos de tutorias acadêmicas entre pares, como parte da proposta de possibilitar avanços e melhorias nos processos de inclusão e aprendizagem.

Como já comentado anteriormente, apesar da legislação que ampara os direitos ao acesso das pessoas com deficiência dentro dos ambientes institucionais, acadêmicos e escolares, no entanto, não podemos negar que a universidade continua sendo um espaço onde pessoas com deficiência ainda “enfrentam diversas barreiras no processo de acesso e permanência, com qualidade, no ensino superior” (ROCHA; MIRANDA, 2009 apud MAZZONI; TORRES, 2005; FORTES, 2005). A partir desses fatos, aponto a importância do NAI dentro da Universidade Federal de Pelotas e trago como justificativa para este relato de experiência a minha função como tutora NAI, a qual foi além do ato de auxiliar os graduandos a mim designados e, de certa forma proporcionar a eles o direito a permanência dentro da UFPel, mas também possuiu um caráter emancipatório à minha formação social e acadêmica.

A função para qual fui destinada, de tutorar alguns dos alunos assistidos pelo Núcleo, se encontra sob a supervisão da Coordenação Pedagógica do NAI.

Desta maneira, trarei reflexões sobre as trocas de experiências, saberes e conhecimentos que, por meio do programa de tutorias acadêmicas entre pares, pude vivenciar com dois bolsistas do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade Federal de Pelotas, no período de 2019/1.

As tutorias aconteceram semanalmente durante o primeiro semestre de 2019 e variaram em sua duração, tendo em torno de uma ou duas horas, acontecendo em média duas vezes por semana, dependendo da demanda que o aluno tinha. Muitas vezes quando haviam trabalhos para serem entregues com mais urgência fazíamos encontros extras durante a semana, para dar conta do que havia sido solicitado ao aluno. Essas tutorias ocorreram individualmente, encontrei cada tutorado em horários distintos e destinados para cada um deles. Nos encontros cada um levava as suas demandas, dificuldades e necessidades acerca dos conteúdos das disciplinas que estavam cursando no semestre. Venho salientar que as demandas trazidas pelos estudantes em tutoria eram de natureza desconhecida por mim, podendo ser tanto voltadas para leituras, escrita, interpretação de textos, linguística aplicada, ou até mesmo sobre conteúdos musicais, já que os alunos vinham de cursos distintos do qual eu curso, um cursa Música - Violão e o outro Letras - Redação e Revisão de Texto. Além das diferenças a cerca dos conteúdos trabalhados, a abordagem e o modo de lidar com cada um deles era diferente, pois o graduando da Música possui Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o da Letras é um estudante na terceira idade, que apresentava déficit cognitivo.

Foram diversas as demandas trazidas pelos bolsistas durante esse período de tutoria, por exemplo, com o aluno graduando de Música - Violão, a princípio minha tarefa seria auxiliá-lo com na sua escrita para o projeto de pesquisa em música mas, durante o semestre, outras demandas foram surgindo junto às outras disciplinas, como dúvidas voltadas para disciplinas de Harmonia e Análise Musical.

Como Frison (2013, p. 69) aponta: “a tutoria, historicamente, foi caracterizada como uma prática “voltada para a formação educativa de qualidade, alimentando sempre esse caráter de formação permanente” (BRUTTEN, 2008, p. 8)”.

As maneiras que encontramos para desenvolver os trabalhos durante o semestre foram muito interessantes, sendo a comunicação a principal chave para que esse processo acontecesse, visto que o tutorado era quem trazia suas dúvidas e materiais passados em aula pelo professor e minha função era compreender sua demanda e tentar resolver incógnitas, buscando fontes que falavam a respeito daquele conteúdo, que também exigia meu entendimento, e tentar auxiliar o aluno. Contudo é importante salientar que esses processos de busca por informação, análises e compreensão do conteúdo, foram todos feitos em conjunto, pois, muitas vezes, ao me contar sobre as dificuldades, o aluno acabava me explicando o que sabia sobre o conteúdo e, partindo desse ponto, juntos fazíamos buscas. O que um não conseguia compreender, o outro tentava explicar através do seu ponto de vista e, dialogando, desenvolvemos os temas e encontramos respostas para tais incógnitas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Refletindo sobre os processos em que tive de estar imersa para resolver questões e suprir as demandas que os tutorados traziam, processos esses constantes, onde a busca por informação, análises dos conteúdos e os mecanismos de compreensão dos mesmos eram sempre exigidos, acredito ser o que Frison (2013, p. 69) coloca como “caráter de formação permanente” (BRUTTEN, P. 2008), dentro do papel do tutor.

Durante esses diálogos, acredito que as trocas de experiências, saberes e conhecimentos aconteceram de forma constante e paralela, pois quando o acadêmico em tutoria explicava sobre o que tinha entendido a respeito do conteúdo, ele acabava relacionando à outras vivências pessoais, e vice versa, para expressar alguma opinião a respeito de algo, e eu, enquanto tutora, também tentei sempre apontar.

É importante destacar que a boa comunicação existente entre tutora e alunos assistidos pela tutoria foi um dos principais meios para que as demandas desses alunos fossem supridas. Em contraste a essa interação com os alunos, coloco que se tratando dos professores dos mesmos, a situação foi um tanto diferente, infelizmente encontrei dificuldade para conseguir contatá-los. Algumas vezes pareceu faltar interesse da parte deles, ou até mesmo tempo para analisar o histórico do aluno e para nos orientar. Isto fez com que, em alguns momentos, os trabalhos não conseguissem tomar forma, ou ocasionou atraso em suas finalizações. Confesso que tiveram momentos em que me senti um tanto perdida pela falta de comunicação e entendimento do que fora pedido em sala de aula, até por que um dos tutorados que auxiliei possui TEA e uma das características das pessoas com esse transtorno está na dificuldade em se expressar. Através desse desabafo acredito que seja necessário apontar que “a proposta de tutoria requer o efetivo envolvimento tanto de alunos, quanto de professores” (FRISON, 2013, p. 70).

Gostaria de colocar que além dessas trocas de experiências, saberes e conhecimentos voltados aos conteúdos trabalhados e desenvolvidos, foi de tamanha abundância as aprendizagens que tive em relação às vivências de uma pessoa com autismo e uma pessoa na terceira idade. Ter esse contato fez com que eu enxergasse e compreendesse melhor algumas situações que pessoas acabam passando diariamente dentro do ambiente acadêmico, este, que infelizmente, ainda deixa a desejar quando o assunto são questões como a integração de pessoas com deficiências e/ou pessoas com alguma outra necessidade específica.

Todas as aprendizagens, trocas de conhecimentos que vivenciei através do programa de tutorias acadêmicas entre pares NAI, só se fizeram possível por meio da comunicação, da conscientização e da constante formação que experienciei durante o trabalho realizado.

4. CONCLUSÕES

Partindo dessas reflexões acerca das trocas de experiências, saberes e conhecimentos dentro do programa de tutorias acadêmicas entre pares, através desse relato de vivência própria, tentei trazer a importância que esse trabalho de tutorias possui tanto na vida do graduando que utiliza da tutoria, quanto do tutor, que para desenvolver seu trabalho passa por uma constante formação, aprende ao procurar assistir (pesquisando, lendo, analisando), ou ao dialogar com a pessoa que está assistindo.

É de extrema relevância salientar o papel que a comunicação possui dentro desses processos e que a constante busca por formação é permanente dentro do papel de um tutor.

No momento atual, em que a educação nas universidades brasileiras passa por um sucateamento é de extrema importância refletir e trazer essa discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência, autismo e outras necessidades educativas específicas no ensino superior, repensando os mecanismos de aprendizagem, a contribuição dos processos de trocas de experiências, de ampliação de conhecimentos e estratégias pedagógicas para quebra das barreiras que impeçam a plena acessibilidade deste público ao ambiente acadêmico, de forma que a Universidade continue sendo plural, diversa e digna de todos e todas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria** nº 1.679 de 02/12/1999. Disponível em http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/c1_1679.pdf. Acesso em 01/09/2019.

_____. Presidência da República. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União. Brasília, DF; 2015 [acesso em 07 jul 2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em 01/09/2019.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, 2008

FRISON, L. M. B. Tutoria: uma prática de ensino autorregulada utilizada no ensino superior. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, n. esp., p. 66 - 81, 2013.

ROCHA, T. B.; MIRANDA, T. G. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. **Educação especial**, Santa Maria, v.22, n.34, p. 197 - 212, 2009.

MOREIRA, L. C.; BOLSANELLO, M. A.; SEGER, R. G. Ingresso e permanência na Universidade: alunos com deficiência em foco. **Educar em Revista**, Curitiba, v. esp, n.41, p. 125 - 143, 2011.